O desenvolvimento do taekwondo como esporte paralímpico

AUTORES:

Jacqueline Martins Patatas ¹

Edison Duarte ¹

José Júlio Gavião de Almeida ¹

¹ Faculdade de Educação Física
– Universidade Estadual de Campinas
– FEF/UNICAMP, Campinas, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.02.77>

PALAVRAS CHAVE:

Para-taekwondo. Esporte Paralímpico.

Treinadores.

SUBMISSÃO: 8 de Dezembro de 2015

ACEITAÇÃO: 13 de Agosto de 2016

RESUMO

O para-taekwondo é a adaptação da modalidade para a prática de pessoas com deficiência físico-motora. Desde 2015 passou a integrar o movimento paralímpico, e fará sua estreia nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. Devido a essa recente trajetória, ainda não é possível encontrar na literatura muitos dados ou estudos científicos envolvendo a prática do para-taekwondo. Sendo assim, o objetivo deste estudo concentra-se em analisar a perspectiva de treinadores de para-taekwondo do Continente Americano em relação à evolução da modalidade, desde sua gênese até à inclusão no programa paralímpico. Participaram deste estudo sete treinadores de taekwondo, todos do sexo masculino, com graduação acima de 4º DAN e provenientes do Canadá, Brasil, México, Guatemala e Venezuela. Todos os treinadores que participaram do estudo integravam as seleções nacionais de seus países. Através de uma entrevista semiestruturada, questionamentos foram levantados a fim de compreender como aconteceu o desenvolvimento do para-taekwondo no Continente Americano. Os dados foram analisados utilizando o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002). Foi possível concluir que a modalidade se encontra num patamar de constante desenvolvimento, mesmo depois da conquista da vaga de modalidade paralímpica, tornando imprescindível a realização de ações que visam à capacitação de treinadores e de profissionais atuantes na área para que um melhor trabalho com as pessoas com deficiência dentro da modalidade seja realizado.

Correspondência: Jacqueline Martins Patatas. Rua Claudemir Galdino, 100 – 13.203.528 – Jundiaí-SP – Brasil (patatasjmp@gmail.com)

27. McArdle WD, Katch FI, Katch VL (2003). *Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
28. McGinley JL, Dobson F, Ganeshalingam R, Shore BJ, Rutz E, Graham HK (2012). Single-event multilevel surgery for children with cerebral palsy: a systematic review. *Dev Med Child Neurol* 54(2): 117-128.
29. Morales NMO (2005). *Avaliação transversal da qualidade de vida em crianças e adolescentes com paralisia cerebral por meio de um instrumento genérico (CHQ-PF50)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
30. Moura, EW, Silva, PAC (2005). *Fisioterapia: aspectos clínicos e práticos da reabilitação*. São Paulo: Editora Artes Medicas.
31. Neto HP, Grecco LAC, Christovão TCL, Braun LA, Giannasi LC, Salgado ASI, Moura RCF, Carvalho PTC, Corrêa JCF, Sampaio LMM, Galli M, Oliveira CS (2012). Effect of posture-control insoles on function in children with cerebral palsy: randomized controlled clinical trial. *BMC Musculoskelet Disord* 13: 193. doi:10.1186/1471-2474-13-193
32. Nitrini R, Bacheschi LA (2005). *A neurologia que todo médico deve saber*. São Paulo: Editora Atheneu.
33. Norman J, Bossman S, Gardner P, et al (2004). Comparison of the energy expenditure index and oxygen consumption index during self-paced walking in children with spastic diplegia cerebral palsy and children without physical disabilities. *Pediatr Phys Ther* 16(4): 206-211.
34. Nova FASV (2012). Atividade aquática e paralisia cerebral. *Rev Eletr Esc Educ Fís Desportos* 8(1).
35. NsengaLeunkeu A, Shephard RJ, Ahmaidi S (2012). Six-minute walk test in children with cerebral palsy gross motor function classification system levels I and II: reproducibility, validity, and training effects. *Arch Phys Med Rehabil* 93(12): 2233-2239.
36. Nunes LCBG (2008). *Tradução e validação de instrumentos de avaliação motora e de qualidade de vida em paralisia cerebral*. Tese de doutoramento, Universidade de Campinas, Campinas (SP), Brasil.
37. Oliveira JC, Gervásio FM (2012). Cirurgia multinível em pacientes com paralisia cerebral diplégica espástica: uma abordagem funcional. *Movimento* 5(1): 91-101.
38. Orlin MN, Palisano RJ, Chiarello LA, Kang L-J, Polansky M, Almasri N, Maggs J (2010). Participation in home, extracurricular, and community activities among children and young people with cerebral palsy. *Dev Med Child Neurol* 52(2):160-166.
39. Pereira IC, Abreu FMC, Vitoreti AVC (2003). Perfil da autonomia funcional em idosos institucionalizados na cidade de Barbacena. *Fit Perf J* 2(5): 285-288.
40. Pina LV, Loureiro APC (2006). O GMFM e sua aplicação na avaliação motora de crianças com paralisia cerebral. *Fisiot Mov* 19(2): 91-100.
41. Podsiadlo D, Richardson S (1991). The timed "up and go": a test of basic functional mobility for frail elderly persons. *J Am Geriatr Soc* 39(2): 142-148.
42. Retarekar R, Fragala-Pinkham MA; Townsend EL (2009). Effects of aquatic aerobic exercise for a child with cerebral palsy: single-subject design. *Pediatr Phys Ther* 21(4): 336-344.
43. Ribeiro SA, Jardim JRB, Nery LE (1994). Avaliação da tolerância ao exercício em pacientes com doença pulmonar obstrutiva crônica. Teste de caminhada por seis minutos versus cicloergometria. *J Pneum* 20(3): 112-116.
44. Rimmer, JH (2001). Physical fitness levels of persons with cerebral palsy. *Dev Med Child Neurol* 43(3): 208-212.
45. Rose J, Gamble J (1998). *Marcha humana*. 2ª ed. São Paulo: Premier.
46. Silva JB, Branco FR (2011). *Fisioterapia aquática funcional – AACD*. São Paulo: Editora Artes Médicas.
47. Teive HAG, Zonta M, Kumagai Y (1998). Tratamento da espasticidade: uma atualização. *Arq Neuro Psiquiatr* 56(4): 852-858.
48. Verschuren O, Ketelaar M, Gorter JW, Helders PJM, Takken T (2009). Relation between physical fitness and gross motor capacity in children and adolescents with cerebral palsy. *Dev Med Child Neurol* 51(11): 866-871.
49. Verschuren O, Takken T (2010). Aerobic capacity in children and adolescents with cerebral palsy. *Res Dev Disabil* 31(6): 1352-1357.
50. Wiart L, Darrah J (1999). Test-retest reliability of the energy expenditure index in adolescents with cerebral palsy. *Dev Med Child Neurol* 41(10): 716-718.

ABSTRACT

Para-taekwondo is the adaptation of the Olympic sport enabling the practice of people with physical and motor disabilities. In 2015, para-taekwondo joined the Paralympic Movement and will make its debut at Tokyo 2020 Paralympic Games. Due to this recent trajectory, it is still not possible to find in the literature many scientific studies concerning para-taekwondo. Therefore, the aim of this study is to analyze the para-taekwondo coaches' perspective regarding the evolution of the sport, since its genesis until the inclusion in the paralympic program. Seven taekwondo coaches, all male, with taekwondo graduation above 4th DAN, coming from Canada, Brazil, Mexico, Guatemala and Venezuela participated in this study. All coaches who participated in the study were part of the national teams of their countries and had more than ten years of experience within the sport. Through a semi-structured interview, questions were raised in order to understand the development of para-taekwondo in the American Continent. The data were analyzed using the content analysis method proposed by Bardin (2002). It was possible to conclude that the new parasport is still in a stage of constant development, even after establishing itself as a paralympic sport. Concerning this matter, it is essential that actions aiming the improvement of the professional training for all the coaches and professionals who are involved in the area are implemented, resulting in a better work towards people with disabilities.

KEY WORDS:

Para-taekwondo. Paralympic Sport.
Coaches.

INTRODUÇÃO

As lutas e suas manifestações expressas pelas suas diferentes modalidades (e.g., capoeira, karatê, judô, taekwondo) trazem contribuições dentro do contexto da educação física através dos aspectos relacionados à cultura corporal de movimento, suas raízes filosóficas, tradição, cultura e, principalmente, movimentos passíveis de serem ensinados e praticados por todos os personagens, em todos os cenários e contextos da pedagogia do esporte ^(9, 12, 16). Nesse sentido, as lutas podem ser identificadas como um conhecimento intrínseco ao patrimônio cultural da sociedade ⁽³⁾ como, por exemplo, o taekwondo ¹, uma luta de origem coreana que atualmente se encontra difundida em todo o cenário mundial e que será o foco desse estudo. Atualmente, a modalidade encontra-se com mais de 205 países filiados na *World Taekwondo Federation* (WTF) ², tendo mais de 80 milhões de adeptos em todo o mundo ^(10, 21, 22, 24).

Diante da constante evolução em que a modalidade se encontra, também foi aberto espaço para a participação de pessoas com deficiência nesse contexto esportivo. Deste modo, graças ao avanço da prática esportiva por pessoas com deficiência, a oportunidade de participação e inserção no contexto das artes marciais e esportes de combate se tornou possível e expressivo ⁽¹⁸⁾.

À vista disso, este estudo abordará uma modalidade específica, o taekwondo para pessoas com deficiência, também conhecido como para-taekwondo, que é uma adaptação do taekwondo olímpico para a prática de pessoas com deficiência de membro(s) superior(es), nomeadamente pela amputação de um ou ambos os membros, com nível de amputação acima ou abaixo do cotovelo, ou deficiências causadas por paralisias cerebrais ^(15, 18). A modalidade, que pertence ao programa olímpico desde os Jogos Olímpicos de Sydney 2000, agora também será parte do programa Paralímpico, estreando nos Jogos Paraolímpicos de Tóquio 2020 ^(18, 22).

Contudo, apenas o para-taekwondo 'kyorugi' (*sparring*) para atletas com deficiência físico-motora será levado em consideração nesse estudo, pois, assim como o equivalente olímpico, é o evento que será incluído no programa Paralímpico em Tóquio ²⁰²⁰. Porém, é importante ressaltar que, apesar de, enquanto modalidade paraolímpica, o taekwondo ser apenas praticado por pessoas com deficiência físico-motora, esta modalidade foi desenvolvida também com o princípio de abranger outros grupos de deficiências, nomeadamente a deficiência intelectual, a deficiência visual e a surdez. Diante disso, a comunidade do taekwondo tem promovido parcerias com outras Federações Internacionais, como por

¹ TAE significa pernas, KWON braços e DO representa o caminho pelo qual o praticante deve seguir, portanto: o caminho dos pés e das mãos. Entretanto, esta seria uma tradução literal e que revela apenas uma pequena ideia do real significado do taekwondo num contexto que supera um pressuposto voltando ao desenvolvimento motor.

² WTF — Federação Mundial de taekwondo (World Taekwondo Federation).

exemplo a Federação Internacional para Atletas com Deficiência Intelectual (INAS), a Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA), a Associação Internacional de Esportes e Recreação para Paralisados Cerebrais (CP-ISRA) e o Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD), promovendo competições ao redor do mundo com atletas competindo em poomsae (formas) e também kyorugi ^(15, 24).

No caminho percorrido até a conquista da vaga para integrar o movimento paralímpico, foram organizados seis Campeonatos Mundiais de Para-Taekwondo. O primeiro foi em Baku, Azerbaijão, em 2009, com 40 atletas e 20 países participantes; a segunda edição foi realizada na cidade de São Petersburgo, na Rússia, em 2010, e participaram 66 atletas de 22 países; Aruba recebeu o terceiro Campeonato Mundial e recebeu um total de 44 participantes de 14 países em 2012; o quarto campeonato foi realizado em 2013 em Lausanne, Suíça, com 82 participantes de 25 países; já a quinta edição do campeonato mundial foi realizada em Moscou, Rússia em 2014, com 111 participantes de 37 países. O sexto e mais recente evento aconteceu em Samsun, na Turquia, em 2015, e atraiu um número recorde de participantes, quando o esporte se prepara para sua primeira aparição paralímpica: 118 atletas de 34 países ^(18, 24). Diante dos dados apresentados, é possível perceber a progressão em relação ao número total de participantes de para-taekwondo ao nível mundial, destacando a sua representação nos cinco continentes desde a primeira edição do Campeonato Mundial. Em relação ao continente americano, a participação dos países passou de três para oito, no primeiro e último Campeonato Mundial, respectivamente ⁽⁷⁾.

Devido a essa recente trajetória, ainda não é possível encontrar na literatura muitos dados ou estudos científicos envolvendo a prática do para-taekwondo, assim como vale ressaltar que também não há muitos estudos científicos acerca do taekwondo convencional ⁽¹⁴⁾. Os resultados do estudo de Correia e Franchini (2010) corroboram essa informação e apontam que há um baixo número de artigos relacionados às atividades de lutas dentro dos principais periódicos científicos. De acordo com o estudo, do total de artigos publicados nos periódicos consultados, apenas 75, o que corresponde a 2.93% do total, abordavam a temática luta e, destes 75 artigos, apenas um (1.3%) abordava o taekwondo ⁽³⁾.

De acordo com os dados acima expostos e em vista da clara importância que mais estudos sejam desenvolvidos na área, considerando a recente entrada do para-taekwondo no calendário paralímpico e a sua estreia efetiva nos próximos Jogos de Tóquio 2020, se tornam imprescindíveis investigações que procurem recolher e sistematizar o percurso histórico e de desenvolvimento da modalidade. Para tanto, o objetivo deste estudo concentrou-se em analisar a perspectiva de treinadores de para-taekwondo do continente americano em relação à evolução da modalidade, desde sua gênese até a inclusão no programa paralímpico. Pretende-se, assim, contribuir para a identificação das necessidades de intervenção relacionadas com a formação de treinadores, recrutamento de atletas, aperfeiçoamento do sistema de classificação, entre outros assuntos importantes para o crescimento da modalidade desportiva.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Os participantes deste estudo foram sete treinadores de taekwondo que eram responsáveis, também, pelo treinamento e desenvolvimento do para-taekwondo em seu país. Todos os participantes eram do sexo masculino e reportaram ter mais de 10 anos de experiência com taekwondo a nível nacional, possuindo graduação igual ou acima a faixa preta 4º DAN. Informações detalhadas são apresentadas no quadro 1. Os treinadores foram propositalmente selecionados para incluir indivíduos com alto nível de especialização no esporte ⁽⁴⁾. Os sete treinadores participantes eram provenientes do Canadá, Brasil, Guatemala, México e Venezuela, sendo que Brasil e Canadá possuíam dois sujeitos participantes. Este $N = 7$ é bastante significativo, uma vez que representa 100% dos países que estavam presentes no primeiro evento internacional e de destaque no cenário do taekwondo no continente americano, o 'I Campeonato Pan-Americano de Para-Taekwondo', realizado em Monterrey, no México, em 2010.

QUADRO 1. Caracterização dos participantes.

TREINADOR 1	Mestre 6º DAN de taekwondo, treinador da seleção nacional de taekwondo e para-taekwondo.
TREINADOR 2	Mestre 6º DAN de taekwondo, treinador da seleção nacional de para-taekwondo.
TREINADOR 3	Mestre 4º DAN de taekwondo, treinador da seleção nacional de para-taekwondo.
TREINADOR 4	Mestre 8º DAN de taekwondo, Head Coach da seleção nacional de taekwondo e para-taekwondo.
TREINADOR 5	Mestre 4º DAN de taekwondo, treinador de para-taekwondo.
TREINADOR 6	Mestre 6º DAN de taekwondo, treinador da seleção nacional de para-taekwondo.
TREINADOR 7	Mestre 5º DAN de taekwondo, treinador de para-taekwondo.

Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram ser treinador de para-taekwondo e de taekwondo atuante em seu país. Todos os sujeitos concordaram em participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual todos os aspectos éticos foram assegurados, sendo os sujeitos informados sobre o sigilo adotado em questões éticas utilizadas em pesquisa. Para proteger o anonimato dos treinadores foram alocados números aleatórios (e.g., Treinador 7) e eles estavam cientes de que os dados relatados seriam utilizados exclusivamente para estudos. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, sob o parecer número: 906/2009.

COLETA DE DADOS

Para os propósitos deste estudo qualitativo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada um dos sujeitos. A entrevista semiestruturada permite ao entrevistado es-

clarecer os pontos colocados, segundo seus conhecimentos sobre o assunto tratado ⁽²⁾. As perguntas abertas foram moldadas para adquirir dados detalhados dos entrevistados ^(2,8), principalmente sobre o conhecimento acerca da preparação para ensinar taekwondo para pessoas com deficiência e sobre o nível de conhecimento geral sobre o desenvolvimento, ainda recente, do para-taekwondo. As bases para a elaboração do guião de entrevista foram resultados encontrados em pesquisas anteriores ^(17, 18). Todas as entrevistas foram realizadas durante a participação dos sujeitos no 'I Campeonato Pan-Americano de Para-Taekwondo', realizado em Monterrey, no México, em 2010 ³.

As entrevistas foram gravadas em mídia eletrônica e tiveram duração média de 40 a 50 minutos; posteriormente, foram transcritas literalmente para análises. As entrevistas realizadas em outros idiomas (Espanhol e Inglês) foram transcritas na língua original e posteriormente traduzidas de forma livre para o Português; porém, antes da tradução, essas transcrições foram enviadas aos entrevistados para que eles pudessem fazer as alterações que julgassem necessárias. Para a redação deste estudo, utilizaremos a versão traduzida para o português de todas as entrevistas.

O guião da entrevista foi estruturado sob a influência de outros estudos e foi convidada a contribuição de peritos da área científica, cujos pareceres independentes foram solicitados. Então, através da análise e discussão das diferentes questões que constituíam a entrevista, permitiu-se, assim, assegurar sua validade. No entanto, baseando as entrevistas em tópicos específicos correspondentes às premissas definidas para este grupo, esperando assim, obter o máximo de seus conhecimentos, foram situados quatro temas pré-estabelecidos: tema 1: contato com o para-taekwondo; tema 2: desenvolvimento do para-taekwondo em países do continente americano; tema 3: conhecimentos sobre a deficiência; tema 4: inclusão ao programa paralímpico e classificação funcional.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados levantados foram analisados através do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002). De entre as diferentes técnicas de análise de conteúdo, elegemos a análise de enunciação para tratarmos os discursos de nossos sujeitos. Esta análise considera o discurso não como um produto acabado, mas como um processo de elaboração com todas as contradições, incoerências e interpretações que isso venha a comportar ^(2, 4, 8).

A análise que seguidamente se apresenta apoiou-se num conjunto de critérios associados a fases tal como foram descritos por Bardin (2002). A primeira fase constituiu-se na leitura flutuante do discurso de cada sujeito, buscando as temáticas emergentes em seus discursos, relacionadas ao conhecimento dos sujeitos a respeito do desenvolvimento do para-taekwondo e sobre o movimento corrente da massificação do para-taekwondo em

nível mundial e, conseqüentemente, o modo como desenvolvem seu raciocínio sobre o assunto. Uma vez detectadas as temáticas congruentes em cada discurso, partimos para a inferência individual dos discursos para cada temática. Neste processo, o discurso dos sujeitos foi fracionado em frases de sentido e categorizado dentro das temáticas emergentes. Buscamos neste processo o posicionamento de cada indivíduo perante a temática do estudo, levando-se em conta a experiência de cada sujeito.

Dois dos autores codificaram e analisaram os dados separadamente, seguidos de reuniões para comparar e discutir os resultados ⁽¹⁹⁾. Quando houve discrepância em relação à codificação dos dados, os autores avaliaram os dados em conjunto para chegar a consenso mútuo ^(2, 19). Este processo forneceu a confirmação de que os dados foram consistentemente analisados e que o processo poderia ser duplicação confiável ⁽¹⁹⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos temas pré-estabelecidos para as entrevistas realizadas com esse grupo, a sua análise permitiu que fossem identificadas temáticas importantes para a discussão. Ao longo dessa seção, os principais resultados serão apresentados e discutidos dentro de cada área temática. Os discursos dos sujeitos aludem às opiniões e experiências práticas que os mesmos possam ter vivenciado durante sua atuação como treinadores e sua relação com o trabalho com atletas com deficiência em seu país.

CONTATO COM O PARA-TAEKWONDO

O para-taekwondo é uma manifestação esportiva recente que acaba de integrar o quadro de modalidades pertencentes ao programa dos Jogos Paralímpicos de Verão, e sua origem se deu oficialmente em 2009. Porém, através das análises das entrevistas dos treinadores participantes da pesquisa, foi possível notar que o trabalho com as pessoas com deficiência dentro das academias teve seu início antes da oficialização da modalidade.

As iniciativas foram tomadas pelas próprias pessoas com deficiência que buscaram a prática do taekwondo e, dessa forma, a Federação Mundial de Taekwondo iniciou o projeto de formalização e delineamento da modalidade. Foram criadas regras e classificações e, assim, a nova modalidade foi apresentada para a comunidade do taekwondo, que se oficializou como uma nova manifestação esportiva quando foi realizado o primeiro Campeonato Mundial de Para-Taekwondo em 2009 ⁽¹⁷⁾.

Ao discutir as possíveis relações sobre a origem e a forma de contato com o para-taekwondo, os entrevistados apontaram duas possíveis evidências sobre a forma de contato com a modalidade e os motivos de tal contato.

³ Vale ressaltar que os dados utilizados para esse estudo foram coletados antes da inclusão da modalidade no programa paralímpico.

Foi através de uma circunstância onde várias crianças começaram a treinar taekwondo em nossa federação e tiveram a oportunidade de se unirem ao grupo e treinarem conosco. Nós nunca negamos isso em nenhum momento, pois é só isso que esses atletas precisavam, e a partir daí, vieram a necessidade de começar a organizar eventos de para-taekwondo. (TREINADOR 1)

Quando a Federação Mundial começou a organizar os eventos ligados ao para-taekwondo, eu fui ao primeiro campeonato mundial e desde então começamos a treinar nosso atleta, agora com foco para as competições específicas de para-taekwondo, que o integraria a partir de então. (TREINADOR 3)

O para-taekwondo surgiu, de fato, quando a Federação Mundial de Taekwondo (WTF) organizou os primeiros campeonatos mundiais e apresentou o “projeto do para-taekwondo”, sendo o início da participação efetiva dos atletas com deficiência em eventos oficiais. Através dessa iniciativa, a WTF incentivou as confederações nacionais a participarem e a engajarem a esse projeto. Contudo, não foram encontrados registros oficiais de práticas competitivas regionais anteriores aos campeonatos mundiais.

As falas dos entrevistados também convergem para a mesma ideia quanto ao início dos trabalhos com o para-taekwondo, onde a maioria dos treinadores iniciou os trabalhos relacionados à pessoa com deficiência em sua cidade desde que começou o desenvolvimento oficial do para-taekwondo e, a partir daí, também agregaram esse movimento em suas práticas.

Eu não acredito que eu estudei sobre isso, eu acredito que eu venho trabalhando com isso a muitos anos aqui na comunidade de taekwondo do “meu país”. Agora há um movimento a respeito do para-taekwondo internacionalmente, então, ainda mais agora, nós e a sociedade do taekwondo tem que apoiar cada vez mais isso e trabalhar muito para que venha a ser bem-sucedido [...]. (TREINADOR 7)

Diante disso, os próximos passos devem refletir sobre a possibilidade da criação de programas que têm o objetivo de gerar mais conhecimento sobre a participação das pessoas com deficiência na prática do taekwondo, assim como orientar as organizações responsáveis e os profissionais atuantes, implementando programas específicos para o para-taekwondo em cada país. Através dessas ações, o trabalho será realizado com mais qualidade.

DESENVOLVIMENTO DO PARA-TAEKWONDO EM PAÍSES DO CONTINENTE AMERICANO

Como já sabido e exposto anteriormente neste estudo, o para-taekwondo, com suas origens recentes, é o novo foco que cria forças dentro da comunidade do taekwondo, tendo levado aproximadamente sete anos para alcançar o reconhecimento como modalidade paralímpica. Tratando-se especificamente do continente americano, quando perguntados sobre como é o desenvolvimento do para-taekwondo em seu país, os entrevistados foram unânimes nas respostas, considerando que o trabalho com o para-taekwondo está apenas no começo de seu desenvolvimento.

[O trabalho] está começando. Começou realmente há pouco tempo. Mas, nós estamos trabalhando pouco a pouco e cada dia mais incrementando o nosso trabalho na medida em que a Federação Mundial está apoiando os eventos. (TREINADOR 1)

O para-taekwondo acabou de começar. Ele está começando agora e digo que ele teve seu início quando realizaram os campeonatos mundiais. Nós participamos da segunda edição e ganhamos medalhas. O “nosso país” está disposto a ajudar e contribuir para esse movimento, não só apenas pelas medalhas, mas a comunidade do taekwondo, o governo do “nosso país” está pronto para suportar esse desenvolvimento do para-taekwondo. (TREINADOR 4)

Aqui no “meu país” nós ainda estamos começando, estamos nos estágios iniciais. Estamos tentando, assim como em outros países, tentando trilhar caminhos, passo-a-passo para tentar crescer, mas, mesmo assim, ainda tem muito trabalho para ser feito para realmente atingir um crescimento. Não importa qual cidade, ou qual país, tem que haver mais pessoas aceitando o para-taekwondo e se tratando das pessoas com deficiência, ainda existe pouco conhecimento, muito medo envolvido. (TREINADOR 7)

Estudos realizados no Brasil apontam que, apesar do país possuir um bom destaque no cenário internacional do taekwondo olímpico, os treinadores nacionais afirmam saber pouco ou mesmo desconhecerem a prática do para-taekwondo no Brasil. Os resultados deste estudo demonstraram que os treinadores atuantes no Estado de São Paulo não parecem estar adequadamente preparados para receber atletas com deficiência em suas aulas de taekwondo, embora mais da metade dos treinadores entrevistados tenha tido ou tenha alunos com deficiência em suas aulas de taekwondo ⁽¹⁸⁾.

Nessa perspectiva, pensando em possíveis soluções para o problema estabelecido, deveriam existir mais países e pessoas acolhendo e apoiando o para-taekwondo e, principalmente, aceitando a pessoa com deficiência dentro desse contexto, pois ainda existe uma certa falta de conhecimento inerente a este tema e, principalmente, muito medo por parte das pessoas envolvidas, muitas vezes devido a falta de conhecimento e capacitação adequada de profissionais ⁽¹⁸⁾.

CONHECIMENTOS SOBRE A DEFICIÊNCIA

As pessoas com deficiência, como um personagem pertencente à pedagogia do esporte ⁽¹⁶⁾, buscam uma modalidade de luta de acordo com suas características específicas e que os atraia, sendo que o aluno e as características da modalidade devem estar sujeitos a adaptações, tanto das técnicas, quanto na forma de execução ⁽¹³⁾. Porém, os atletas que iniciam a prática de alguma luta podem não se descobrir lutadores, demonstrando certas dificuldades na execução de determinadas técnicas ⁽¹¹⁾. Todavia, o atleta com deficiência pode despertar no treinador a motivação necessária para ensiná-lo, podendo, a partir de uma dificuldade de aprendizagem, surgir um novo método ⁽¹²⁾.

Nessa perspectiva, os entrevistados relataram qual era a motivação em trabalhar com atletas com deficiência. De acordo com suas experiências prévias, os entrevistados acreditavam que realizavam um trabalho cujo foco é atender as pessoas com deficiência, a fim de contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo, motor e pessoal é a principal fonte de inspiração.

Bom, eu creio que é uma experiência muito bonita, na qual tem uma repercussão muito positiva. Eu aprendi muito com eles, eles têm mais concentração, mais disposição e muito mais constância do que mesmo muitos atletas da seleção nacional. Eu fico muito satisfeito por fazer parte desse movimento na seleção “de meu país”. (TREINADOR 1)

Eu conheci o ‘F’, ele tinha 6 anos de idade na época, 5 para 6 anos [...] Eu decidi começar a me dedicar, porque treinar para ele seria uma forma de reabilitação, uma vez que o taekwondo trabalha muito membros inferiores. Ele com umas semanas de treinamento já conseguia correr sem arrastar o pé e com mais um mês, mais ou menos, ele já conseguia dar uns pequenos saltos. E o treinamento, lógico, ele é contínuo, ele nunca para e até hoje ainda sempre tem o que melhorar. (TREINADOR 5)

Isto faz parte da minha filosofia pessoal, e especialmente porque eu acredito que Artes Marciais podem fortalecer as pessoas, todos deveriam praticar, especialmente, aqueles indivíduos com deficiência ou necessidades especiais, onde muitas vezes estes não têm a oportunidade. Quando eles praticam o taekwondo eles podem, eles conseguem, eles se fortalecem, conquistam mais disciplina e convívio social. Eu acredito também que, eu posso falar por mim mesmo, até as pessoas que trabalham e ensinam essas pessoas também ganham muito. Tornam-se pessoas melhores durante esse processo. (TREINADOR 7)

Se o treinador não está preparado e capacitação para o envolvimento com essa população, a presença de atletas com deficiência nas academias e nos treinamentos pode intimidar o treinador. Apenas uma capacitação adequada e o tempo de experiência com essa população fará o treinador perceber qual a melhor forma de trabalhar e o que a deficiência do atleta implicará em seu ensino. Torna-se relevante, então, pensar em iniciativas que visam o aperfeiçoamento técnico-didático do treinador, como uma formação continuada via federações e com o apoio da universidade ^(11,13).

Quando questionados sobre as dificuldades de trabalhar com pessoas com deficiência nos treinamentos de taekwondo e as implicações na prática, os entrevistados discorreram sobre a necessidade de adaptação ou mudança nas estratégias de ensino e procedimentos pedagógicos durante o ensino da pessoa com deficiência.

Eu penso que é na adaptação ao treinamento esportivo, pois temos que seguir algumas diferentes metodologias e conseguir aplicar em diferentes circunstâncias que podemos encontrar durante o treinamento com as pessoas com deficiência. Temos que saber dosar essas metodologias e aplicar da melhor forma possível. (TREINADOR 1)

Generalizando, eu acredito que nós temos que estar um pouco mais adaptados, você tem que estar mais disposto a poder ter que mudar as coisas, você tem que ser capaz de ser mais adaptável. Muitas vezes você terá que mudar o seu planejamento de aula devido a alguma dificuldade que possa aparecer. Você tem que ter o conhecimento necessário a respeito das deficiências que você está trabalhando, porque muitas vezes um aluno terá melhores capacidades motoras que outros e você muitas vezes poderá se surpreender com algum desafio, porque existem alguns tipos de deficiência muito desafiadores para o trabalho do professor. O grande ponto é você estar sempre com a mente e com o coração aberto para ser bem adaptável. (TREINADOR 7)

Os entrevistados consideravam que deviam existir diferentes metodologias de trabalho voltadas para atletas com deficiência. É importante ter como objetivo suprir todas as necessidades dos atletas para que o treinamento sempre seja aplicável a todas as circunstâncias da melhor forma possível. Consequentemente, atentaram, também, para o fato de a preparação do atleta, desde o início de seu contato com o taekwondo, dever ser corretamente orientada, pois isso se refletirá no futuro. O treinador que acompanha esse processo deve estar atento durante todo o processo de formação do atleta. O papel do treinador/ professor baseia-se num conjunto de competências que devem ser trabalhadas em conjunto com todos os saberes que compõem essa prática, agregando os conhecimentos da pedagogia, da ciência, aspectos técnicos e táticos ⁽²⁰⁾.

O entrevistado 4 referiu que em sua academia existia um trabalho que era realizado especificamente para essa população. Porém, o entrevistado considerava que este tema ainda não estava sendo totalmente explorado e apoiado pela comunidade internacional do taekwondo e durante a realização de seu trabalho se sentia inseguro quanto aos procedimentos mais adequados que devia possuir a sua aula.

[...] não há muito apoio da comunidade internacional do taekwondo a respeito disso, eu digo sobre o conhecimento específico, formas de lidar com essa situação relativamente nova. Às vezes eu tenho que procurar como fazer tudo por mim mesmo. (TREINADOR 4)

A análise dos dados demonstra que não é considerado um obstáculo intransponível atender pessoas com deficiência em aulas de taekwondo. Entretanto, os entrevistados consideravam que deviam existir, principalmente, recursos adequados, como, por exemplo, materiais adaptados e um treinador com conhecimentos específicos sobre as implicações fisiológicas e biomecânicas da deficiência e suas particularidades. Portanto, treinar atletas com deficiência exige que o profissional esteja aberto para fazer adaptações durante a sua aula, levando em consideração a limitação e o grau da deficiência do atleta, seus resquícios musculares e possíveis funcionalidades motoras. As estratégias metodológicas adotadas pelo treinador devem garantir que todos os atletas, independentemente do nível e tipo de deficiência, possam fazer parte do treinamento ⁽¹⁸⁾.

Como consequência disso, é importante ressaltar que a capacitação do treinador se torna vital para o processo educacional de atletas com deficiência e, portanto, para a sua aprendizagem. Dessa forma, estudos na literatura discutem sobre o treinamento pedagógico de treinadores esportivos e afirmam que, nos últimos anos, esse treinamento tem sido negligenciado ⁽⁵⁾. O presente estudo encontra-se em linha com a literatura que verificou que as principais dificuldades para a realização de um trabalho de qualidade voltado para pessoas com deficiência estavam relacionadas a algumas falhas na preparação e formação profissional de treinadores ⁽⁶⁾. Em outro estudo, constatou-se que cerca de 97% dos treinadores entrevistados não tinham conhecimentos suficientes para incluir os alunos com deficiência em suas práticas relacionadas à educação física ⁽¹⁾.

INCLUSÃO AO PROGRAMA PARALÍMPICO E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL

As modalidades de lutas que até o ano de 2014 pertenciam ao programa paralímpico eram o judô e a esgrima em cadeira de rodas. Essas duas modalidades se encontram expressivamente difundidas no cenário esportivo mundial e suas práticas são possíveis através de algumas adaptações em suas regras ⁽¹¹⁾. É sabido, também, que o para-taekwondo pleiteou uma vaga para se tornar modalidade oficial no programa paralímpico para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Entretanto, a tentativa de integrar o movimento paralímpico naquela ocasião não obteve sucesso ⁽¹⁷⁾. Porém, em 2015, o *International Paralympic Committee* (IPC; Comitê Paralímpico Internacional) aceitou a nova candidatura da modalidade e em janeiro de 2015 oficializou o taekwondo como modalidade paralímpica para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 ⁽²⁴⁾.

Quando indagados a respeito da sua opinião sobre a inclusão do taekwondo nas paralimpíadas, os entrevistados demonstraram entender os possíveis motivos pelos quais o para-taekwondo não ter conseguido o aval em sua primeira candidatura, ficando claro em suas falas que todos gostariam que isso acontecesse. Contudo, aceitam os motivos e entendem a importância de se criarem programas de preparação e de iniciação de professores e atletas, os quais devem ser idealizados e implantados para que, enfim, o alto rendimento seja alcançado.

[...] Nós precisamos nos preparar melhor para seguir adiante na filosofia do movimento Paraolímpico e também temos que preparar melhor nossas regras e regulamentos principalmente na questão da segurança. Temos que entender muito bem desse aspecto. Já temos algumas regras e pensamos que sabemos como que queremos ganhar esse jogo, mas para mim, isso tudo ainda não é suficiente. Temos que desenvolver muito mais. (TREINADOR 4)

Um dos fatores que os entrevistados apontaram como fator crucial para a melhoria da modalidade e inclusão dentre as modalidades paralímpicas foi a questão da classificação funcional utilizada para a modalidade. Para a primeira candidatura, o sistema de classificação funcional estava muito superficial e não havia sido submetido a estudos mais aprofundados e baseado em evidências ⁽²²⁾.

É de conhecimento geral que, nas modalidades paralímpicas, existe certa diferença entre os para-atletas. Este fato ocorre devido às especificidades motoras inerentes a cada tipo de deficiência, portanto, faz-se necessário a criação de um mecanismo que vise equalizar os atletas para garantir que a competição aconteça de uma forma mais abrangente e justa. O sistema de classificação funcional é ferramenta essencial para que isso aconteça ^(17, 23).

A classificação funcional do para-taekwondo, que foi utilizada nas duas primeiras edições do campeonato mundial, foi designada pelo IPC, e, em princípio, abrangia apenas amputação de membro(s) superior(es) no nível acima e abaixo do cotovelo. Porém, integrado à nova candidatura apresentada, o sistema de classificação funcional recebeu melhorias e novos estudos baseado em evidências, tendo-se tornado mais abrangente, incluindo novas deficiências, como a paralisia cerebral, e ampliando as possibilidades de participação dentro da modalidade para pessoas com outros tipos de deficiência.

A classificação atual foi dividida em quatro classes – K41, K42, K43, K44 – abrangendo amputações simples e duplas, onde os níveis de comprometimento são definidos pela localização da amputação. A classe K41, na qual pertence o grupo de deficiências mais comprometidas, agrupam amputação bilateral do braço ou dismelia, através da articulação do ombro com perda total do úmero. A classe K42 corresponde à amputação unilateral, através da amputação do ombro ou dismelia, ou bilateral acima da amputação do cotovelo. Já a classe K43 agrupa amputação bilateral através ou abaixo do cotovelo. A última classe, K44 é onde atletas com um menor grau de comprometimento competem, agrupando amputação de pulso ou uma monoplegia, ou uma perda significativa na força muscular (perda de 2 graus) na flexão ou extensão do cotovelo ⁽²²⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a perspectiva de treinadores de para-taekwondo do continente americano em relação à evolução da modalidade, desde sua gênese até a inclusão no programa paralímpico.

Concluímos que a modalidade se encontra num patamar de constante desenvolvimento, mesmo depois da conquista da vaga de modalidade paralímpica, tornando imprescindível a realização de ações que visam o aperfeiçoamento relacionado ao conhecimento dos profissionais envolvidos na área, considerando a proposta do potencial criativo e das adaptações, tanto dos professores e treinadores, quanto das estruturas internas da modalidade.

Contudo, podemos afirmar que ainda existem muitas iniciativas a serem feitas na modalidade com o intuito de aperfeiçoar suas práticas, tanto pedagogicamente quanto estruturalmente, como, por exemplo, a melhor capacitação de treinadores e profissionais atuantes, para que seja possível realizar um melhor trabalho com essa população.

Considerando que o para-taekwondo é uma modalidade nova e está se estruturando cada vez mais profissionalmente, a conquista da vaga para integrar o quadro de modalidade para-límpica nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 pode trazer novas possibilidades para a prática do profissional que atua com o taekwondo. Além disso, pode fomentar a revisão de suas estratégias e metodologias empregadas no ensino da pessoa com deficiência, considerando suas potencialidades em detrimento de desvantagens que a deficiência pode causar.

REFERÊNCIAS

1. Aguiar JS, Duarte E (2005). Educação inclusiva: um estudo na área da Educação física. *Rev Bras Ed Esp* 11(2): 223-240.
2. Bardin L (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
3. Correia WR, Franchini E (2010). Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz* 16(1): 1-9.
4. Creswell JW, Plano Clark VL (2011). *Designing and conducting mixed methods research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage.
5. DePauw KP (1988). Sport for individuals with disabilities: Research opportunities. *Adapt Phys Activ Q* 5: 80-89.
6. Dieffenbach KD, Statler TA (2012). More similar than different: The psychological environment of paralympic sport. *J Sport Psychol Action* 3(2):109-18.
7. EPTU (2016). *European para-taekwondo union*. Disponível em www.paratkd.com
8. Edwards A, Skinner J (2009). *Qualitative research in sport management*. Oxford: Butterworth-Heinemann.
9. Espartero J (1999). Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha In: Villamón M. (Org.). *Introducción al judo*. Barcelona: Hispano Europea.
10. Fong SSM, Ng GYF (2011). Does taekwondo training improve physical fitness? *Phys Ther Sport* 12: 100-106.
11. Gomes MSP (2008). *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
12. Gomes MSP, Morato MP, Duarte E, Almeida JJG (2010). Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento* 16(2): 207-227.
13. Gomes MSP (2014). *O ensino do saber lutar na universidade: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
14. Guimarães Pinheiro MF, Pereira de Andrade AG, de Sousa Pinheiro G, Noce F. (2015). Motivational dimensions of taekwondo practitioners. *Archiv Budo* 11: 403-411.
15. International Paralympic Committee (2017). *International Paralympic Committee*. Disponível em www.paralympic.org
16. Paes RR, Montagner PC, Ferreira HB (2009). *Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
17. Patatas JM (2012). *O taekwondo como modalidade paradesportiva*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
18. Patatas JM, Duarte E, Gavião de Almeida JJ (2016). The main dilemmas of taekwondo training of students with disabilities: analysis of the opinion of professional coaches. *Archiv Budo* 12: 159-166.
19. Patton MQ (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. London: Sage.
20. Rosado A, Mesquita I (2007). A formação para ser treinador. In: *Actas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos. Olhares e contextos da performance: da iniciação ao rendimento*. Porto: FADEUP.
21. Sant'Ana J, Fernandes da Silva J, Guglielmo LGA (2009). Variáveis fisiológicas identificadas em teste progressivo específico para taekwondo. *Motriz* 5(3): 611-620.
22. O'Sullivan D, Fife GP (2015). Biomechanical performance factors for development of minimum disability requirements in para-taekwondo – Part 1. *Central Europ J Sport Sci Med* 11(3): 63-69.
23. Vanlandewijck Y, Thompson W (2011). *Handbook of sports medicine and science: the paralympic athlete*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell. doi:10.1002/9781444328356.fmatter
24. World Taekwondo Federation (WTF) (2017). *World Taekwondo Federation*. Disponível em www.wtf.org